

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes Comitê Política e Juventudes Religião e política – Reunião 2

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Religião e política – parte 2, realizado em 23 de agosto de 2021, no âmbito do Comitê Política e Juventudes.

CONVIDADOS

- **VINÍCIUS LIMA:** é cofundador do SP Invisível, projeto que conta histórias de pessoas em situação de rua e realiza ações voltadas a essa população. Em 2019, foi elencado na lista Forbes Under 30. Concorreu pela REDE Sustentabilidade a um cargo legislativo (2020). Integra a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito;
- **VIVIANE COSTA:** é pastora, cofundadora da Clínica Pública de Psicanálise Rua do Rio, no Jacarezinho (RJ), e coordenadora da iRuah, rede de acolhimento a mulheres vítimas de violências. Pesquisa as relações entre religião e poder nas periferias cariocas;
- **LÍVIA REIS** (mediação): é colaboradora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), membro do Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado (Ludens) e do Grupo de Pesquisa em Antropologia da Devoção da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Qual trabalho voltado para a política existe nas igrejas? Há algo focado especificamente no público jovem?
- Que tipo de ação cotidiana tem sido construído pelas igrejas para engajar as juventudes em um movimento de transformação social a partir da religião?

- Diante de juventudes que, ricas ou pobres, escolhem ser evangélicas, o que as tem atraído para a religião? Por que os jovens estão fazendo essa opção?
- Quais são os marcadores próprios da relação dos jovens religiosos que atuam na política? Quais barreiras esses jovens enfrentam ao se posicionarem enquanto atores políticos perante sua congregação?
- Se o que mobiliza o voto evangélico são as relações mais imediatas, como fica a questão dos valores e da política em seu sentido amplo?
- Em que medida a religião se apresenta como um caminho para que os jovens intervenham politicamente nos problemas cotidianos de seus territórios?
- Qual é o impacto da desinformação e da propagação de *fake news* nas redes de comunicação evangélicas?
- Como extrapolar a “bolha” que a comunidade evangélica constrói em torno de si, principalmente do ponto de vista político? Que tipo de discurso mais universal – tolerância religiosa, direitos humanos, pobreza – seria capaz de sensibilizar os evangélicos inseridos nessa rede?

DEBATE

RELIGIÃO É COISA SÉRIA

- Religião e religiosidades são parte fundamental da vida social, portanto não podem ser ignoradas pelas ciências humanas;
 - “Você não sabe o que vai acontecer daqui a um minuto”: religião como uma forma de organizar e dar sentido ao mundo;
 - Característica brasileira de uma pessoa ter mais de uma religião ao longo da vida – ou ao mesmo tempo.
- Não se pode desconsiderar a religião ao pensar a política brasileira e as maneiras como esses campos se cruzam, seja nas eleições, seja na prática cotidiana;
 - Igrejas sempre foram e continuarão a ser um espaço crucial de mobilização política;
 - Urgência de se produzir dados sobre religião para compreender o Brasil, esforço prejudicado pelo cancelamento do Censo Demográfico de 2020.

- Termos em disputa: diferentes religiões têm reivindicado para si o significado de expressões relevantes ao debate público;
 - “Intolerância religiosa”: tanto a comunidade evangélica quanto a cristã se entendem vítimas de perseguição, quando as evidências apontam as pessoas afrorreligiosas como as principais atingidas por ataques;
 - “Liberdade de expressão”: sentindo-se tolhidos na manifestação em púlpito de suas posições em relação às questões de gênero e sexualidade, evangélicos mostram a urgência da discussão sobre liberdade de expressão e liberdade de crença.
- Religião, política e espaço público: como pensar as candidaturas religiosas?
 - Campo cheio de nuances: como delimitar o que se encaixa na categoria de “candidatura religiosa”? O que um candidato com nome de urna religioso quer comunicar? Por que alguns candidatos religiosos optam por não mobilizar sua religiosidade nas campanhas?
 - Ênfase exagerada na comunidade evangélica faz perder de vista o impacto de outros grupos religiosos na vida social e na política institucional brasileiras;
 - Importância de qualificar o debate público a respeito da relação entre religião e política para que seja conduzido de maneira embasada e responsável.

“Quando descentralizamos o foco de grandes lideranças, conseguimos perceber a presença massiva de católicos ligados a movimentos conservadores da Igreja Católica atuando nos Legislativos municipais. E essa relação às vezes fica muito apagada por conta da visibilidade que é dada ao segmento evangélico.” – LÍVIA REIS

UM RECORTE EVANGÉLICO DO BRASIL

- Crescimento da comunidade evangélica começou a dar um salto no fim da década de 1970 – hoje, não se tem mais uma horda de pessoas convertidas, e sim uma maioria já nascida e criada na religião;
 - Importância de reconhecer que a comunidade evangélica não é homogênea, mas diversa e complexa;
 - “Construção de dignidades”: especialmente em territórios periféricos, igrejas evangélicas possibilitam que pessoas subalternizadas em outras esferas da vida alcancem uma posição de reconhecimento – “o homem que é porteiro na zona sul do Rio de Janeiro, quando chega na favela, é o pastor que coloca o terno, passa na rua e todo mundo respeita”;
 - “Redes de pertencimento”: pastores reconhecidos em seus territórios como pessoas dignas de confiança, uma referência para a tomada de decisão individual onde não se encontra outro respaldo;

- “Teologia do poder”: pastores periféricos não disputam o mesmo poder institucional que interessa aos pastores ricos e midiáticos, mas sim a liberdade de abrir sua igreja, ligar a caixa de som e pregar;
- “Eupreendedorismo”: o encontro entre o modelo econômico neoliberal, o espírito empreendedor neopentecostal e o desemprego nas periferias contribui para o apelo popular de certas denominações evangélicas.

“As pessoas me mandam mensagens privadas, perguntando: ‘Pastora, me vacino ou não?’. ‘Pastora, voto em quem?’ Tem gente que vai querer perguntar, porque o pastor é a pessoa de confiança, é quem está ali na comunidade, cresceu junto, tem um relacionamento de amizade. É uma rede. Na cabeça das pessoas da periferia e da favela, essa rede é a única coisa que se tem. Não se tem o Estado, não se espera nada do Estado. Então, há essa questão de pertencimento.” – VIVIANE COSTA

- Ainda que seja um fenômeno relevante há décadas, apenas recentemente a devida atenção passou a ser dada ao impacto da comunidade evangélica na vida social do país.

“Estamos falando de um projeto de Brasil que existe há muito tempo e que só agora está sendo debatido seriamente. Quando eu comecei a pesquisar pentecostalismo, a amplitude desse debate era muito menor, e isso tem dez anos. Eu diria que quando [Marcelo] Crivella ganhou [a eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, em 2016], o pessoal começou a ficar mais atento. ‘Ih, chegaram ao Executivo do Rio de Janeiro, precisamos prestar atenção nisso aqui.’ Foi aí que o jogo começou a virar.” – LÍVIA REIS

- Evangélicos progressistas: quem pertence a esse grupo?
 - Ações associadas à própria vivência dos valores religiosos passaram a ser taxadas “de esquerda”, mesmo quando essa não é a intenção de quem as realiza;
 - “Guerra de discursos”: igrejas defendem algumas pautas e projetos que vão ao encontro da agenda da esquerda, mas mantêm um discurso conservador ao qual a esquerda não tem conseguido fazer frente;
 - “É preciso disputar o que é ser evangélico”: se evangélicos conservadores não precisam qualificar sua orientação política, dizendo-se apenas “evangélicos”, por que caberia aos evangélicos progressistas se colocarem quanto a tal?

“Eu sou evangélico. Ser progressista ou não é minha orientação política, mas minha orientação de fé é evangélica. O [Silas] Malafaia não diz: ‘Sou evangélico fascista’. Ele diz: ‘Sou evangélico’. Então, do mesmo jeito que ele fala que é evangélico, eu quero falar que eu sou evangélico. Não vou entregar o título ‘evangélico’ de mão beijada para essa galera. Até porque o que me colocou nas rodas e grupos de esquerda não foi [Karl] Marx, não foi [Walter] Benjamin, não foram os livros acadêmicos, apesar de eu ter lido. Foram Mateus, Marcos, Lucas e João. Eu conheci Jesus ali.” – VINÍCIUS LIMA

“Aquele pastor que até tem uma ação política, que tira os jovens do mundo do crime, que tem um centro de acolhimento social, ele não quer que isso seja tratado como política partidária, e sim como manifestação do Reino de Deus. E quando a gente começa a atuar publicamente com essas redes de afeto, de construção de dignidade, e é tratada como progressista, onde foi que nós permitimos que aquilo que nós somos como igreja desde sempre [fosse chamado de esquerda progressista]? Parece que falar sobre ação social é de esquerda, mas a igreja faz isso o tempo inteiro. Ela tem uma ação social muito mais presente em alguns pontos do que a esquerda, que às vezes caminha mais no discurso do que na prática.” – VIVIANE COSTA

- “O pavor evangélico”: medo da comunidade evangélica de ser impedida de adorar, cultuar, pregar o Reino de Deus e o Evangelho;
 - Fantasmas como o da perseguição religiosa à comunidade evangélica foram apropriados e manipulados pela direita, interessada em fazer uso político disso;
 - “Não importa quem falou, o que importa é que é verdade”: setores da comunidade evangélica se veem em uma guerra espiritual, o que justificaria a disseminação de *fake news* em nome de defender sua família, seus valores e sua religião;
 - “Autonomia interpretativa”: crise de confiança nas instituições e fenômeno da desinformação estimulam que o indivíduo escolha no que vai acreditar – em um paralelo com o pentecostalismo que, ainda que preconize a liderança pastoral, atribui a cada um a capacidade de fazer sua própria hermenêutica tanto do texto bíblico quanto da realidade (“se o trem atrasou, foi porque Deus quis me livrar de algo”; “se Deus disser que é para eu me vacinar, eu me vacino”; “se morreu, foi porque Deus quis assim”);
 - Diversas denominações acreditam que este mundo vai acabar: organização do tempo a partir de rupturas (antes e depois de Cristo, antes e depois do batizado, antes e depois da pandemia de COVID-19) aponta para um fim iminente do mundo, o que cria espaço para teorias da conspiração.

“Tem um tanto de religião por trás das fake news, a gente já tem uma predisposição para acreditar em algo que não precisa de comprovação. E é preciso entender que na cabeça dessa galera o Brasil está em uma guerra política entre direita e esquerda, mas está também em uma guerra espiritual, no sentido de que querem corromper sua família, seu filho, seu casamento. É algo que passa o racional. E tudo que serve de munição vale ser usado, independentemente de ser verdade ou não.” – VINÍCIUS LIMA

JUVENTUDES, RELIGIÃO & POLÍTICA

- Engajamento cada vez maior das juventudes na religião;
 - “Todo jovem na igreja vira ator, cantor, músico”: em territórios marcados pela ausência de figuras como o Estado e ONGs efetivas, as igrejas são o único espaço de

desenvolvimento da dignidade, da identidade, das habilidades artísticas e sociais das juventudes;

- Presença jovem potencializada pelos novos modos de ser religioso trazidos pelas tecnologias: entendê-los é fundamental para dialogar com esses grupos;
- Interesse dos jovens em estudar teologia: desejo de entender o que são os sistemas religiosos, as razões por trás de determinadas práticas e postulados – por exemplo, por que mulheres não podem ser lideranças religiosas nos mesmos termos que homens?
- “Identidades híbridas”: alunos de teologia nas igrejas pentecostais empregados no tráfico de drogas local (cenário agravado pela explosão da evasão escolar durante a pandemia), alguns envolvidos na expulsão de candomblecistas e umbandistas da localidade – aquilo que é um ato de violência e de intolerância religiosa passa a ser lido como uma manifestação da “ação de Deus”.

“O que faz sentido dentro de um lugar de violência é exatamente isso: o Deus que vai dar a vitória, que vai matar o inimigo, que vai vencer a guerra, que vai me dar comida no dia seguinte. É esse Deus que faz sentido dentro da favela. Esse discurso está na boca de pessoas que falam de violência e disputam poderes que infelizmente nunca chegarão àqueles que de fato realizam uma política transformadora de mundo nas comunidades.” – VIVIANE COSTA

- Ponto de reflexão: ainda que a igreja preencha um lugar marcado por ausências na vida das juventudes, por que elas têm optado pelo caminho da religião, e não por outras formas possíveis de sociabilidade? O que a igreja tem oferecido aos jovens que tanto os atrai?
- “Meu ativismo começou na igreja”: juventudes religiosas interessadas em fazer política, no sentido de intervir no mundo em que vivem – às vezes sem reconhecer o caráter político de suas ações;
 - Trabalho realizado por lideranças religiosas e projetos sociais vinculados a igrejas como porta de entrada para a atuação política dos jovens. Exemplo: projeto SP Invisível, derivado de uma ação proposta pelo pastor Joabe Santos, da Igreja Batista de Água Branca (SP), para que os jovens tirassem fotos de tudo o que é negligenciado no cotidiano da cidade;
 - Ação social x justiça social: de modo geral, atuação política das juventudes religiosas tem se pautado em um discurso que desconsidera os fatores estruturais das desigualdades e vê na intervenção individual a solução para problemas mais amplos.

“Quando eu passei a dar aula de teologia em igrejas das periferias e favelas do Rio de Janeiro, comecei a caminhar esses lugares de pobreza e a enxergar uma similaridade muito grande, que eram pessoas organizadas em redes evangélicas pentecostais muito atuantes na comunidade que estavam fazendo uma política de transformação de mundo –

de um micromundo, que seja –, mas sem se darem conta de que estavam realizando uma política.” – VIVIANE COSTA

“Cresci nos projetos sociomissionários da minha igreja, e mesmo antes de ter todo o discurso lapidado, politizado, eu estava ali pela questão da missão, por querer ajudar, levar um louvor. Eu sou alguém de classe média, tinha tudo para crescer e viver em uma bolha, ainda mais na classe média evangélica. Então, crescer com esses projetos sociais e, depois, ter a experiência de estudar política, deu para entender qual é o lado certo da Igreja, qual é o lado certo de Jesus. E foi muito louca a experiência com o SP Invisível, porque sempre que o pessoal perguntava qual era a nossa referência de jornalista, de fotógrafo, de contar histórias, a gente falava: ‘Pô, é o fulano da igreja’. ‘Ah, é Jesus. A gente leu na Bíblia.’” – VINÍCIUS LIMA

“Temos um movimento de juventudes cada vez mais engajadas no pentecostalismo. Um pessoal que quer casar cedo, que quer construir família cedo e que acredita que ação social é justiça social. Isso, para mim, é uma marca muito importante da nova geração. Tem a ver com uma afinidade do neoliberalismo com o conservadorismo e, consequentemente, com a grande maioria das igrejas evangélicas, que se beneficia da destruição do Estado. Você começa a transferir para as juventudes das igrejas a missão de fazer o bem ao próximo, de sanar as desigualdades sociais existentes, como se ação social fosse a solução para tudo, sem que as estruturas sociais de produção dessas desigualdades sejam questionadas.” – LÍVIA REIS

- Para alguns jovens, o desejo de intervir no mundo leva aos caminhos da política institucional e da construção de políticas públicas;
 - “Descrédito”: política institucional como um ambiente de constante teste, em que o jovem, apenas por ser jovem, é levado a se provar, a legitimar sua presença e a mostrar que há, sim, uma visão política para a cidade, o estado, o país;
 - Para os jovens que conseguem ser eleitos, a palavra que resume a experiência de ocupar espaços na política institucional, independentemente do espectro político, é “desafio” – com o peso adicional que marcadores como gênero, sexualidade, raça e classe colocam sobre cada um;
 - “Homens de terno, mais velhos e brancos”: falta de diversidade entre as lideranças tanto políticas quanto religiosas (pensando a partir das igrejas batistas) contribui para a construção de um ambiente que entende a presença jovem como fora de lugar;
 - “Adultecer”: tanto a política institucional quanto a religião exigem que, de alguma maneira, o jovem negue sua juventude e amadureça mais rápido – seja para evitar comportamentos considerados “inadequados” pela política ou “pecaminosos” pela religião, seja para acelerar processos que aconteceriam mais tarde, como casar-se cedo para poder ser nomeado pastor;

- Se é um lugar de provação e de desafio, política institucional também é um lugar de muito sonho – seja daquilo que os jovens desejam para suas comunidades, seja daquilo que aspiram para o Brasil.

"Tudo o que eu ouvia quando falava na ideia [de ser candidato] era: 'Você não é muito novo?'. 'Por que você não vai trabalhar antes em um gabinete?' 'Mas o que você pode oferecer para a cidade?' Perguntas que questionavam a legitimidade de uma candidatura jovem. É esse lugar de provação, de ter de ficar se provando. E, querendo ou não, você vai negociando algumas coisas da sua juventude. Desde coisas bobas, do tipo: será que eu posso compartilhar esse meme, agora que sou candidato? Até coisas do seu dia a dia, porque quando você vê, você está vivendo totalmente na política." – VINÍCIUS LIMA

"Fizemos campanha nas igrejas que estavam abertas, mas a gente entrou pela juventude, aproveitou que ali era um lugar em que os jovens já se reuniam. Nós não entramos pelo púlpito. E você não consegue ser o candidato do púlpito com as pautas que a gente propõe, porque você tem de estar alinhado com o pastor. Se você quiser hackear, falar com evangélicos sobre pautas progressistas nas eleições, dificilmente vai ter apoio institucional da igreja. Tem de ir no boca a boca entre os irmãos. Inclusive porque tem candidato que é dono de igreja." – VINÍCIUS LIMA

- "Chamem de socialismo, de Reino de Deus, do que quiserem": juventudes religiosas progressistas como o caminho para a inovação política, aliando a sabedoria da ancestralidade às novas ferramentas para comunicar ideias de defesa do bem viver coletivo;
 - "Investir mais no que nos une e menos no que nos divide": saída para estabelecer diálogos e interlocuções é focar nos valores e projetos comuns (exemplos: campanha pelo desarmamento, luta por moradia);
 - Há expressões e palavras vinculadas pela comunidade evangélica a certa "gramática de esquerda", o que gera afastamento imediato – para promover diálogo é preciso apostar em um trabalho de tradução das ideias a partir dos textos bíblicos e da vivência cotidiana;
 - "Crente vota em crente" x "As coisas não são tão óbvias": dificilmente um candidato progressista que nunca pisou em uma igreja terá votos da comunidade evangélica, por mais que suas pautas estejam alinhadas. No entanto, é preciso clareza de que as razões que levam uma pessoa a apoiar determinado candidato são diversas ou mesmo contraditórias.

"A Ivone Gebara, que é filósofa, uma irmã católica, disse que a Igreja está perdendo as mulheres inteligentes, as mulheres que pensam, que pesquisam, e ela não queria que a Igreja a perdesse. Eu não quero que a Igreja me perca. Eu quero que a Igreja me tenha. Eu não quero perder essa ponte, eu quero reconstruí-la. Então, comecei a abrir mão de algumas palavras. Eu falo do encontro de Jesus com as mulheres, de uma nova hermenêutica, sem tocar em nome de 'feminismo', de 'direitos humanos', de 'gênero'. O

caminho, penso eu, é reconstruir pontes e traduzir aquilo que estamos falando igual, que estamos pensando de maneiras muito parecidas, mas usando identidades que nos distanciam.” – VIVIANE COSTA

“Quando eu fazia campanha nas igrejas, ninguém me perguntava em quem eu ia votar para prefeito, qual era meu partido. Perguntavam de qual igreja eu era, se eu era evangélico, se eu era amigo de tal pastor. Então, esse negócio de evangélico votar em evangélico ainda é muito forte. Minha avó foi meu maior cabo eleitoral, ela conseguiu muito voto das amigas dela, senhorinhas que devem ter votado em mim e no [Celso] Russomanno, e não em mim e no [Guilherme] Boulos. E falando: ‘Olha, ele é um menino jovem, cresceu na igreja, tem projeto com o pessoal da rua’, sempre batendo nessa tecla de que sim, eu sou um menino evangélico, eu sou do nosso grupo, da nossa bolha. E aí você vê uma oportunidade de hackear. Você vê que a saída para derrotar o fundamentalismo religioso – e aqui eu digo a bancada evangélica, mas também um jeito de ser fundamentalista cotidiano – não vai vir da Mídia NINJA, e sim de evangélicos dispostos a estar nesse lugar de sair candidato levando os valores de Jesus, os direitos humanos, projetos de cidades e de país mais justos e igualitários.” – VINÍCIUS LIMA

“Eu pesquisei religião e voto, e a verdade é que o pessoal tenta explicar o voto, mas não dá. Não dá. Você vota por um milhão de motivos. Eu tinha na igreja um cara que estudava Biologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), que tinha acesso ao ambiente universitário, mas que votava no candidato do [pastor] R.R. Soares porque ele confiava no pastor, confiava no trabalho da igreja a ponto de saber que aquela pessoa que estava recebendo oração era digna de confiança. Também tinha uma moça que era fisioterapeuta, ex-gay, não perdia um encontro da igreja, mas votou na candidata que ia lutar pela categoria profissional dela. Outra ia votar no candidato do pastor, mas quando chegou na hora o pai pediu voto para um amigo. Você vai negar um favor ao seu pai para obedecer o pastor? Não vai. Então, seguir o voto é muito interessante porque, de certa forma, te conforta e mostra que a definição do voto é algo muito mais complexo do que a gente supõe.” – LÍVIA REIS

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, livro de Max Weber (1905)
- “A Igreja irá perder as mulheres que pensam.” Entrevista com Ivone Gebara”, publicada na revista IHU On-line (03 de outubro de 2018): <https://bit.ly/3tCrTlk>
- *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*, livro de Jacqueline Moraes Teixeira (2016)

- *Caminhos da desinformação: evangélicos, fake news e WhatsApp no Brasil*, pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2021): <https://bit.ly/3k2TsAX>
- Coletivo Bereia, iniciativa de checagem de fatos publicados em mídias religiosas: <https://bit.ly/3hrubiz>
- *Esquerda evangélica nas eleições 2020*, pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) (2020): <https://bit.ly/3EoDkbg>
- Instituto Update, organização que estuda e fomenta a inovação política na América Latina: <https://bit.ly/3kohkoK>
- Mídia NINJA, rede de comunicação livre vinculada à rede Fora do Eixo: <https://bit.ly/3Eb8rRu>
- Missão CENA, trabalho social desenvolvido por missionários e voluntários no centro da cidade de São Paulo (SP) sob a coordenação do pastor João Boca: <https://bit.ly/2Xfegwx>
- *Mulheres ajudando mulheres: um guia bíblico para os principais problemas enfrentados pelas mulheres*, livro de Elyse Fitzpatrick e Carol Cornish (1997)
- *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*, pesquisa desenvolvida pelo ISER (1994): <https://bit.ly/3A6Qjpc>
- *O negro evangélico*, edição especial das *Comunicações do ISER* escrita por Regina Novaes e Maria da Graça Floriano (1985): <https://bit.ly/3C8PNId>
- *Oração de traficante: uma etnografia*, livro de Christina Vital da Cunha (2015)
- Padre Júlio Lancellotti, coordenador da Pastoral do Povo de Rua e pároco da Igreja São Miguel Arcanjo (SP): <https://bit.ly/2X93o3p>
- “PoderData: para metade dos evangélicos, Bolsonaro é bom ou ótimo”, matéria do jornal digital *Poder360* sobre pesquisa de avaliação de diferentes grupos religiosos a respeito do trabalho de Jair Bolsonaro (06 de agosto de 2021): <https://bit.ly/3jYFsYV>
- *Religião e Poder*, plataforma que oferece dados abertos, pesquisas, reportagens e demais materiais sobre a interface entre religião e política institucional brasileira, além de monitorar a atuação de agentes políticos com identidade religiosa no Executivo, Legislativo e Judiciário, em uma parceria entre ISER e Gênero e Número: <https://bit.ly/3hrhGmC>